

A relação entre a neurodiversidade e o Transtorno do Espectro Autista

Ana Carolina de Holanda Machado¹, Deborah Gerrane Damásio Nascimento¹, José Antônio da Silva Neto¹, Mariana Ribeiro Rodrigues Alves¹, Vitória Daiany Guimarães Ramos¹, Júlia Maria Rodrigues de Oliveira².

1. Discente do curso de medicina do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA.
2. Docente do curso de medicina do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA.

RESUMO: O autismo é enquadrado em um espectro que varia de níveis brandos a mais graves, sendo definido como um transtorno de comportamento que afeta áreas de comunicação, socialização e interação, além da detenção de padrões, interesses e atividades restritivas e/ou repetitivas. O presente estudo teve por objetivo relacionar o paradigma da neurodiversidade com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), bem como identificar as características neurodivergentes presentes nas pessoas possuidoras desse espectro. O estudo trata-se de uma mini-revisão com pesquisa nas plataformas de busca PubMed e SciELO usando os seguintes descritores “Neurodiversity”, “Autism Spectrum Disorder” e “Developmental Disorders” resultando em 36 artigos, aplicando-se os critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 5 artigos. A partir da análise dos artigos, observou-se que o processamento sensorial incomum presente na neurodiversidade dos autistas os enquadram em seis características comuns: maior apreciação ao detalhe; perspectiva sensorial aprimorada; desenvolvimento do conhecimento em domínios específicos; elevada facilidade de reconhecer padrões; habilidades visuais aumentadas; apreço maior por objetos inanimados. Destarte, ao se observar os portadores de TEA, é notório que dados comportamentos se conectam diretamente com toda a diversidade neuronal que os envolve, sendo ressaltadas as seis características principais que enquadram os autistas em tal processamento sensorial incomum. Ademais, o trabalho também possibilita uma leitura crítica e reflexiva da necessidade de maiores respostas de como essa diferenciação ocorre e os demais fatores inclusos.

Palavras-chave:
Neurodiversidade.
Transtorno do espectro autista.
Autismo.
Neurociências.
Distúrbio de desenvolvimento.

INTRODUÇÃO

A Neurodiversidade é um conceito antropológico cunhado primeiramente em 1999 pela socióloga australiana Judy Singer, o qual implica que o cérebro humano possui variações neuronais naturais. Assim, distúrbios de neurodesenvolvimento sensorial incomum presentes em transtornos como o Transtorno do Espectro Autista (TEA) não são déficits, mas sim variações cerebrais normais exibidas pelos seres humanos (MASATAKA et al., 2018). Vale salientar que a neurodiversidade é um movimento global, extremamente amparado pela comunidade autista, que procura o reconhecimento e o respeito das variações neurológicas como qualquer outra variação humana – sexual, étnica (MASATAKA et al., 2017).

Ao longo da história do autismo é percebido que suas categorizações foram variadas, como esquizofrenia infantil, retardo mental, psicose, patologia e posteriormente, distúrbio neuronal (VOLKMAR et al., 2014). A quinta edição do Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais trouxe o autismo enquadrado em um espectro que varia de níveis brandos a mais graves, sendo definido como um transtorno de comportamento que afeta áreas de comunicação, socialização e interação, além da detenção de padrões, interesses e atividades restritivas e/ou repetitivas (DSM-V, 2013).

Esse estudo objetiva relacionar o paradigma da neurodiversidade com o Transtorno do Espectro Autista, bem como identificar as características neurodivergentes presentes nas pessoas possuidoras desse espectro.

METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma mini-revisão de literatura, em que a coleta de dados foi feita a partir de fontes primárias de cinco artigos selecionados consultando a base de dados Pubmed e Scientific Electronic Library OnLine (SciELO). Na busca foram utilizados os Descritores em Ciência da Saúde (DeSC): “*Neurodiversity*”, “*Autism Spectrum Disorder*” e “*Developmental Disorders*” na qual encontraram-se 36 artigos e apenas cinco foram utilizados abrangendo o período de 2014 a 2019. Fez-se necessário a utilização de um artigo de 2014 devido à escassez de pesquisas científicas relacionadas ao tema proposto. Os critérios de seleção dos artigos encontrados foram o acesso completo, fonte primária em língua inglesa e dados referentes à temática da relação da neurodiversidade com o transtorno do espectro autista.

RESULTADOS

Com base na bibliografia analisada, foi observado que o processamento sensorial incomum presente na neurodiversidade dos autistas os enquadram em seis características comuns: maior apreciação ao detalhe; perspectiva sensorial aprimorada; desenvolvimento do conhecimento em domínios específicos; elevada facilidade de reconhecer padrões; habilidades visuais aumentadas; apreço maior por objetos inanimados (LORENZ et al., 2014; KENNY et al., 2016; MASATAKA et al., 2017; ATHERTON et al., 2018; MASATAKA et al., 2018).

Em primeira instância, a apreciação ao detalhe se demonstrou uma característica importante do espectro, uma vez que esse comportamento se torna um ponto forte dos autistas perante o mercado de trabalho (LORENZ et al., 2014). Além disso, essa particularidade se mostra como um importante fator para os seus julgamentos estéticos, principalmente no âmbito da música e artes visuais (MASATAKA et al., 2017; MASATAKA et al., 2018). Não obstante, ressalta-se que esse atributo se faz evidente na capacidade imaginativa dos portadores de TEA, os quais descrevem acontecimentos e criam histórias com muitos detalhes (ATHERTON et al., 2018).

Outrossim, a perspectiva sensorial aprimorada se relaciona com diversas áreas. Em primeiro plano, ressalta-se que ela se conecta com a questão espacial, desse modo, um estudo comparou a performance artística de crianças com desenvolvimento típico e com TEA e fora observado que os autistas possuem uma melhor perspectiva espacial, haja vista que retrataram paisagens com maior apreço e realismo (MASATAKA et al., 2018). Já em segundo plano, essa perspectiva relacionada com um enfoque auditivo deteve resultados perante uma pesquisa que demonstrou um maior julgamento musical nos autistas em relação a neurotípicos, após ambos grupos serem expostos a diferentes composições clássicas, apreciando-as de maneiras diferenciadas a partir do sentimento proposto por cada uma (MASATAKA et al., 2017)

Em relação ao desenvolvimento do conhecimento em domínios específicos, é notado que os portadores de TEA possuem uma maior facilidade de aprendizado em suas áreas de interesse. Destarte, sua aptidão vocacional está intimamente relacionada à escolha de sua área de trabalho; à sua perspectiva aprimorada; e também à apreciação ao detalhe (LORENZ et al., 2014).

Além disso, uma característica importante dos indivíduos com TEA é a capacidade ampliada de reconhecer padrões. Tal fato é demonstrado pela capacidade de reconhecimento de padrões para o auxílio de preenchimento de informações perdidas no processo de integração social. Dessa forma, tal característica os ajuda no processo de reconhecimento social e fuga ao bullying (ATHERTON et al., 2018).

Ademais, em relação às habilidades visuais, a visão bibliográfica concretiza que os portadores de TEA possuem essa habilidade maior em relação aos neurotípicos, dessa forma, a caracterização deles como pessoas de aprendizado visual contribui significativamente como um ponto forte no mercado de trabalho (LORENZ et al., 2014), além disso também se relacionar com a sua perspectiva sensorial aumentada (MASATAKA et al., 2018).

Por fim, outra perspectiva notória é o maior apreço por objetos inanimados, o que se evidencia na maior facilidade de desenhar objetos inumanos (MASATAKA et al., 2018). Além de que, essa peculiaridade os leva a encontrar conexões sociais dentro de um âmbito não social, o que se implica na dificuldade de interação (ATHERTON et al., 2018).

CONCLUSÃO

A Portanto, é imprescindível observar que os indivíduos autistas possuem ricos arsenais interpessoais e estilos sociais, realçando a teoria da Neurodiversidade presente no TEA. Assim, nota-se que grande parte disso é, seguidamente, perdido em uma cultura de pesquisas extremamente focadas em categorizar o espectro como um déficit e uma incapacidade.

Além disso, é possível notar que as evidências científicas experimentais e empíricas que confirmam essa noção e paradigma conceitual têm sido escassas, portanto são necessárias mais pesquisas nesse campo, afim de confirmar que o autismo faz parte de um desenvolvimento neurodiverso, já que existem variações cerebrais e comportamentais nos seres humanos, enquadrando o autista em um desenvolvimento atípico.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION et al. Diagnostic and statistical manual of mental disorders. **BMC Med**, v. 17, p. 133-137, 2013.

ATHERTON, G. et al. What am I thinking? Perspective-taking from the perspective of adolescents with autism. **Autism: SAGE Journals**, v. 23, n. 5, p. 1186-1200, 2019.

KENNY, L. et al. Which terms should be used to describe autism? Perspectives from the UK autism community. **Autism: SAGE Journals**, v. 20, n. 4, p. 442-462, 2016.

LORENZ, T.; HEINITZ, K.. Aspergers–different, not less: occupational strengths and job interests of individuals with Asperger's Syndrome. **PloS one**, v. 9, n. 6, p. e100358, 2014.

MASATAKA, N. Neurodiversity and artistic performance characteristic of children with autism spectrum disorder. **Frontiers in psychology**, v. 9, 2018.

MASATAKA, N. Neurodiversity, giftedness, and aesthetic perceptual judgment of music in children with autism. **Frontiers in psychology**, v. 8, p. 1595, 2017.

VOLKMAR, F.; HUBNER, M.; HALPERN, R. História do autismo. **National Autistic Society–Autism Speaks**, 2014.